

Sobre a gênese da capacidade de pensar: as contribuições de Freud e Bion

Beatriz Chacur Biasotto Mano

Este artigo nasce dessas questões instigadas pela clínica e, sem pretender esgotá-las, segue a indicação freudiana de que o aparelho psíquico se constitui com o surgimento do pensar.

Muitas vezes, na clínica psicanalítica, nos deparamos com pacientes que, devido à precariedade de seu desenvolvimento psíquico, não chegaram a desenvolver linguagem ou então a utilizam de modo muito incipiente. Casos, por exemplo, de crianças que não falam e que muitas vezes parecem estar isoladas de si mesmas, dando a impressão de viver em um mundo que desconhecem. O silêncio desses pacientes, freqüentemente, suscita inúmeras questões: por que não falam? Podemos atribuir algum nível de representação aos seus movimentos e produções sonoras? Seria correto supor que essas crianças, psiquicamente tão comprometidas, não tenham desenvolvido capacidade de pensar? Como poderia o pensar responder por etapas tão primitivas do desen-

volvimento psíquico? Seria possível desenvolver a capacidade de pensar lá onde ela parece não existir?

Este artigo nasce dessas questões instigadas pela clínica e, sem pretender esgotá-las, segue a indicação freudiana¹ de que o aparelho psíquico se constitui com o surgimento do pensar. Elas parecem nos remeter não apenas aos primeiros momentos do funcionamento do aparelho psíquico, mas até mesmo nos levam a imaginar um ponto zero no processo de sua instalação, possibilidade que, como sugere Green², deve ser conside-

Beatriz Chacur Biasotto Mano é psicanalista, membro associado do Fórum do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-RJ.

Este artigo resume algumas questões desenvolvidas na dissertação de mestrado elaborada pela autora sob orientação do professor Octavio Souza e defendida em abril de 2001 na PUC-RJ.

rada como “mito de referência”³. A meu ver, a suposição de uma gênese da capacidade de pensar nos fornecerá elementos que enriquecerão nossas reflexões surgidas da clínica.

No texto *A Interpretação de Sonhos*⁴, considerado inaugural da psicanálise, Freud revela sua grande descoberta – os pensamentos são, em sua origem, inconscientes – e acrescenta que a ciência que então nascia ofereceria os instrumentos para abordá-los. Com tal afirmação, ele expande as concepções sobre o pensar, fazendo-o remontar aos primórdios do psiquismo e abrindo a possibilidade de pesquisar a atividade de pensar em níveis de estruturação psíquica diversos do que até então era suposto. As conseqüências dessa abordagem se farão notar nos desdobramentos que o tema adquire na originalidade clínica de Bion, levando-o a considerar a capacidade de pensar um instrumento teórico-clínico por excelência.

Minha proposta neste artigo é a de, tomando como fio condutor o tema da capacidade de pensar, percorrermos parte dos terrenos de Freud e Bion, fazer reconhecimentos, esmiuçar alguns pontos que pareçam de maior relevância, de modo a olhar entre as tramas que se tecem nas teorias que eles elaboraram. A intenção é a de nos aproximarmos dos primórdios do psiquismo para acompanhar esses autores em suas ficções acerca do processo de constituição psíquica.

A gênese e o desenvolvimento da atividade de pensar segundo a teoria freudiana

Os textos *A Interpretação de Sonhos* de 1900, e *Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, datado de 1911, são, dentre os textos freudianos, os freqüentemente identificados ao tema do pensamento. No primeiro, Freud introduz sua descoberta de que os pensa-

mentos são inconscientes no sentido de que se processam segundo as leis do processo primário; no segundo, ele trabalha sobre o desenvolvimento do pensamento secundário a serviço do princípio de realidade. Desse modo, confere à atividade de pensar um domínio muito amplo. Apesar de a questão do pensamento estar implicada nos diferentes modos do funcionamento psíquico – como o processo primário e o processo secundário – Freud nunca chegou a sistematizá-la de forma precisa. Essa ausência teórica nos faz indagar: que definição do pensar Freud poderia ter em mente, que lhe permitisse abranger um tão amplo espectro de atividades psíquicas?

Trabalhando com os textos da primeira tópica, podemos dizer que o pensar nasce, segundo Freud, da frustração, quando o bebê, fracassando em atender as exigências do princípio de prazer por meio de sua tendência primeira à descarga motora, encontra-se em estado de absoluto desamparo e insatisfação. Desse modo, o aparelho psíquico, que nessa operação se constitui, realiza sua primeira atividade pensante: ele valoriza a percepção de sua experiência primária como signo de satisfação e, dada a sua imaturidade, tende a efetuar um movimento regressivo até a descarga total no sistema perceptivo, catexizando as marcas mnêmicas dos componentes dessa experiência primitiva pela via de maior facilitação. Nesse pensamento primeiro e primário, o bebê constrói seu mundo de forma alucinatória, sem considerar se a percepção que então experimenta decorre da presença do objeto real. De acordo com Green⁵, o que Freud chama de realização alucinatória de desejo é a “teoria” do seio inventada pela criança.

Assim, regido pelo processo primário, e para atender a perspectiva hedonista predominante do aparelho psíquico, o pensar nasce para mudar a realidade insatisfatória, mesmo que seja de forma aluci-

natória e que esteja fadado ao fracasso. Esse *primeiro movimento pensante* se perpetuará no aparelho psíquico como pensamento inconsciente.

A moção pulsional, ao reativar, por meio do movimento regressivo, as marcas mnêmicas deixadas pela experiência de satisfação – marcas estas que repousam, segundo Green, “sobre traços de experiências reais que supõem a ação de um objeto *real*”⁶ – instala um estado de

O pensar
nasce para
mudar
a realidade
insatisfatória.

desejo⁷. Assim, ao mesmo tempo em que a moção pulsional tem na imagem alucinada a representação de sua satisfação, o desejo encontra nessa mesma imagem sua realização. A essa dupla função da alucinação primária, presente também na fantasia, Dayan se refere como “*exprimant/exprimê*”⁸ (e assim por diante). Isso quer dizer que a alucinação primária é tanto a expressão primeira e primitiva da pulsão como também sua *garantia* de satisfação, à medi-

da que antecipa aquela em que a representação deve se assemelhar para atingir uma satisfação real⁹. Se a imagem alucinatória apresenta-se como expressão da pulsão, o pensar é o mediador. Talvez seja possível concluir que, para Freud, o pensar nasce com a função (pelo menos essa seria uma das funções) de mediar o pulsional e o modo como ele se exterioriza, isto é, sua expressão, garantindo a possibilidade de satisfação.

pensar deve ser concebido, como propõe Green¹⁰, como um conjunto vazio sempre a ser atualizado por diferentes modos de excitação, de investimento e de descarga. Assim, entre a pulsão e sua satisfação age o pensar: a pulsão estabelece metas investindo em representação-coisa; o pensar cria trilhas dando vida, expressão e dinamismo ao mundo psíquico. Nesse trajeto, as possibilidades são muitas, e o que importa é a modalidade segundo a

co se abra para o mundo exterior e, por meio do desenvolvimento do eu, interfira no curso do pensamento. Ele deve considerar as informações que decorrem do encontro com o mundo externo e aprender a diferenciar memória e objeto real por meio do teste de realidade e do controle do afeto.

Desse modo, a atividade psíquica, durante o processo de pensamento secundário, deve atender a outros propósitos que não o da pura eliminação de energia. Regida pelo processo secundário, ela deve administrar de forma comedida a descarga energética, de modo que o pensamento secundário possa atender, por sua vez, ao princípio de realidade utilizando-se dos recursos do eu, como os mecanismos de ligação, inibição e a função de julgamento.

Tais recursos conferem ao pensamento secundário a importante função de atividade exploratória do mundo psíquico ao permitir que memórias adormecidas pelo recalque sejam revitalizadas¹¹. É à medida que a atividade secundária se configura “como uma forma de estabelecer possíveis caminhos de eliminação [e] de criar expectativas em relação ao mundo”,¹² (Gabbi Jr., 1999) explorando as riquezas do mundo interno, que ela permite, concomitantemente, conhecimento do mundo externo. Ou seja, quanto maior for a capacidade de exploração do mundo interno, maiores serão as possibilidades de conhecimento do mundo externo.

O pensamento inconsciente representa a manutenção no sistema inconsciente da atividade primária de pensamento, em consequência da lenta e precária submissão das pulsões sexuais ao teste de realidade. De fato, para Freud, ele é a origem de toda a atividade pensante. Por pertencer ao sistema inconsciente, possui as mesmas características estruturais e econômicas desse sistema: ausência de negatividade, um compromisso exclusivo com

O pensamento secundário se desenvolve para corrigir o engodo provocado pela alucinação primária, tornando o aparelho psíquico mais capacitado para atender às exigências de vida.

Partindo dessa concepção do pensar, pode-se acompanhar o desenvolvimento do pensamento primário em pensamento secundário ou sua perpetuação no sistema inconsciente como pensamento inconsciente. Apesar das particularidades das características de cada forma de atividade pensante, tal concepção possibilita um início de sistematização teórica sobre o pensar, independentemente dos conteúdos dos pensamentos. Para tanto, o

qual os atos de investimento se realizam. Ou seja, o que importa é a situação tópica e o regime do lugar de investimento, o que irá diferenciar pensamento secundário e pensamento inconsciente.

O pensamento secundário se desenvolve para corrigir o engodo provocado pela alucinação primária, tornando o aparelho psíquico mais capacitado para atender às exigências de vida. Para tanto, é necessário que o aparelho psíquico

a realidade interna, e as catexias são móveis, sendo transferidas livremente de uma representação a outra. O pensamento inconsciente opera com representação-coisa, que é uma forma de representação eminentemente visual – “pura aparência de haver uma ‘coisa’ de que nossos sentidos dão testemunho”, descreve Freud em 1915¹³; investimentos, “se não de imagens diretas da coisa, pelo menos de traços mnésicos mais afastados, derivados dela”, segue ele nesse mesmo texto.

Um estudo mais detalhado sobre a representação-coisa permite ampliar nossos conhecimentos a respeito da atividade de pensar e de sua função mediadora entre o pulsional e sua expressão, ao estabelecer uma relação entre a percepção, o pensamento e as palavras. Cabe ressaltar que a concepção freudiana de representação-coisa destaca o caráter subjetivo do processo perceptivo em sua articulação com os processos de representação, pois recusa a concepção de uma articulação ponto a ponto da estimulação periférica com a idéia.

Para Freud, a relação entre a percepção e a representação ou, como destacado no texto citado acima, entre os traços mnésicos e a representação-coisa, é mediada pela atividade de pensar. É justamente na ligação entre os traços mnésicos, ligação essa fornecida pela atividade de pensar, que situamos a noção de representação-coisa. Diz Green :

“[A representação-coisa é] um conjunto associativo relativo a este ou àquele traço dela [da coisa] ou mesmo do campo no qual ela está situada e que a sua especificidade é a de ser uma figura de investimento de traços deixados por essa configuração”.¹⁴

O determinismo freudiano implica, entretanto, que o investimento que percorre os traços mnésicos tenha, por interferência das moções pulsionais que hipercatexizam determinada representação-coisa, uma

No entanto,
apesar da riqueza
do mundo inconsciente,
a realidade
psíquica é virtual,
pois só existe
como realidade
a partir de sua
expressão.

orientação vetorial, denominada por Freud de representação-meta. É essa orientação que preside o curso da atividade de pensar, a qual, paradoxalmente, está na base da formação das representações-coisa. Assim, pode-se concluir que as representações-coisa não pré-existem à atividade de pensar. Entendo, justamente, que elas se constituem como transformação momentânea da configuração psíquica decorrente da própria atividade de pensar, conferindo, desse modo, ao psiquismo, mobilidade, diversidade e infinitas possibilidades criativas. Poderia citar, como exemplo, a fantasia.

No entanto, apesar da riqueza do mundo inconsciente, a realidade psíquica é virtual, pois só existe como realidade a partir de sua expressão. As expressões do inconsciente implicam, entre outras possibilidades, a da consciência. Essa via expressiva representa a ação do pensamento secundário, o que nos coloca a seguinte questão: que re-

lação Freud estabelece entre o pensamento inconsciente e o pensamento secundário?

Dois pontos são fundamentais para a abordagem dessa questão: o primeiro implica na descoberta freudiana de que o inconsciente e o pré-consciente são sistemas que operam com tipos diferentes de representação. Enquanto a representação-coisa é característica do sistema inconsciente, o sistema pré-consciente é caracterizado por operar com representação-palavra. O segundo ponto, (na verdade concebido anteriormente, uma vez que está presente desde o *Estudo sobre as afasias*), implica na idéia de que seria necessária a associação de dois tipos de representações na produção da linguagem.

Para Freud, a vinculação da representação-palavra à representação-coisa é o que possibilita que esta última ganhe qualidade e possibilidade de acesso à consciência. Essa vinculação implica também no

estabelecimento do princípio de realidade e na transformação do modo de circulação de energia psíquica de processo primário em processo secundário. Isso é o mesmo que dizer que a hipercatexia da representação-coisa, que ocorre por conta de sua ligação à representação-palavra, faz com que o pensamento inconsciente seja sucedido pelo pensamento secundário.

A relação de dependência que liga o pensamento secundário à representação-palavra tem conseqüências positivas para que o pensar cumpra sua função no processo de desenvolvimento psíquico. Freud afirma, em 1915, que, diferentemente da representação-coisa, a representação palavra possui a possibilidade de representar relações onde não se é capaz de “extrair qualquer qualidade das percepções”¹⁵. Ou seja, a representação-palavra implica uma certa abstração, permitindo que o pensamento se desvincule das impressões das sensações corporais e da pura afetação. Green¹⁶ ressalta que a possibilidade de representar as relações entre os objetos, e não apenas os objetos, é o que permite correlacionar presença e ausência do objeto, pois a presença ou a ausência é a presença ou a ausência de uma relação. As conseqüências dessa possibilidade de abstração refletem-se positivamente no processo de separação eu/não-eu.

No entanto, *se é a representação-palavra que permite que a representação-coisa adquira qualidade, em contrapartida a representação-palavra nada significa se perder sua referência à representação-coisa*, pois, mesmo considerando sua capacidade abstrativa, seu valor simbólico só é assegurado pela ligação com a representação-coisa.

Com isso, penso que os desdobramentos que resultam da vinculação dos pensamentos inconscientes à representação-palavra não se resumem à possibilidade de os pensamentos inconscientes poderem ser traduzidos em palavras e

expressos em alto e bom som. Entendo que as elaborações de Freud nos remetem, por um lado, à capacidade de simbolização e, por outro, à importância de que as palavras não percam sua referência à representação-coisa, no que ela possui de sensorial e pulsional, pois só nesse vínculo as palavras adquirem significação.

A riqueza desse processo já vem sendo revelada, por exemplo, por autores¹⁷ que, referidos a Freud, têm considerado a importância de uma atenção ao sensorial na clínica analítica. Pois, para que o inconsciente se expresse, é necessário que o pensamento inconsciente e o pensamento secundário atuem em relação de cooperação; é necessário que a representação-palavra esteja referida à representação-coisa e que esta, por sua vez, corresponda a uma associação de impressões sensoriais. Essas considerações podem, a meu ver, alimentar um questionamento importante em relação ao lugar do sensorial na escuta psicanalítica.

A contribuição de Bion

Bion é um autor que traz em sua herança psicanalítica uma relevante influência dos pensamentos de Freud e M. Klein. De modo geral, pode-se dizer que, em suas pesquisas teórico-clínicas, ele articula a questão freudiana do conhecimento da realidade, do pensamento e da palavra com os conceitos kleinianos de identificação projetiva e de posição esquizo-paranóide e depressiva, iluminando-os e esgarçando-os de tal modo que chega a levá-los ao ponto de ruptura.¹⁸ Sua originalidade clínica se manifesta desde no início de sua trajetória psicanalítica quando, instigado pelas manifestações bizarras de seus pacientes esquizofrênicos, dirige sua atenção não tanto para os conteúdos dos pensamentos expressos pelas associações, (tal como as fantasias de relação de objeto primiti-

va e os conteúdos edípicos), mas principalmente para a capacidade que o paciente possui de conhecer sua realidade interna e a realidade externa, bem como de representar e de utilizar a linguagem verbal como forma de pensamento. Bion, para além da atividade de pensar, estava também interessado na *capacidade de pensar*. Na teoria sobre o pensar que ele elabora, se o indivíduo não consegue suportar a dor psíquica, ele destrói, na base, sua embrionária capacidade de pensar, de modo a não disponibilizar ao conhecimento a experiência dolorosa que havia vivido.

Partindo dos fenômenos que observava em sua clínica, Bion considera as elaborações freudianas insuficientes para explicar por que, em alguns casos, a capacidade de pensar se encontra plenamente desenvolvida enquanto em outros até mesmo ausente. De fato, a leitura de Bion permite-nos supor, retroativamente, que as elaborações freu-

Bion traz
em sua herança
psicanalítica
uma relevante
influência
dos pensamentos
de Freud e
Melanie Klein.

dianas acerca do tema do pensar ficaram limitadas a um estágio do desenvolvimento psíquico mais complexo se comparando ao que a clínica da psicose levou a considerar, pois não estava incluída nas hipóteses freudianas a possibilidade da não-capacidade de pensar ou o não-pensamento – idéia não apenas pertinente como indispensável ao pensamento de Bion.

Tal como para Freud, também para Bion a gênese do pensar está

de que o aparelho psíquico adquiere por aprendizagem na relação primitiva mãe/bebê.

A clínica da psicose levou-o a formular a hipótese de que o psiquismo, em seu estado originário, é rudimentar e incapaz de pensar e de utilizar suas próprias experiências em prol da aprendizagem e de seu desenvolvimento. O modelo que ele utiliza para o desenvolvimento de sua teoria tem como pressuposto a concepção de que o mundo primiti-

Ou seja, para Bion, no mundo psíquico primitivo as experiências que decorrem do encontro com a realidade possuem uma concretude, não sendo propriamente um elemento mental. Por não possuírem nenhum nível de abstração, não se prestam a nenhuma utilização psíquica: nem como sonho, nem como fantasia, nem possuem registro como memória. Por isso, não podem ser reinvestidas, como sugeriu Freud ao falar da realização alucinatória de desejo. Para tanto, o que se experimenta precisa primeiro torna-se mental, manipulável pelo aparelho psíquico. Sofrer uma transformação simbólica que possibilite seu descobrimento e compreensão. Aprender da experiência²⁰ é o processo pelo qual, através da atividade de pensar, o aparelho psíquico transforma as impressões sensoriais em algo por ele utilizável, como memória ou como pensamento, consciente ou inconsciente.

No processo de elaboração de sua teoria sobre o pensar, Bion cria um modelo. Nele, do mesmo modo que Freud, também parte da frustração: o bebê possui uma disposição inata que corresponde à expectativa de um seio – é o que Bion denomina de uma *pré-concepção*. Se a realização da *pré-concepção* for positiva, isto é, se a *pré-concepção* e a experiência se conjugam no encontro com um seio que o amamente satisfatoriamente, nasce uma concepção, um conceito como um produto mental: foi batizado, recebeu um nome. No entanto, se o seio não se apresenta, o que o bebê experimenta é a realização de um não-seio que o deixa imerso em um mundo de emoções que seu psiquismo incipiente não pode suportar, entre as quais encontra-se a frustração. É então necessário que, entre a *pré-concepção* e o elemento psíquico, se interponha o pensar, como um processo de transformação desse encontro com o *não-seio-sem-nome* em algo nominável; dessas

Bion, do mesmo modo
que Freud, também
parte da frustração:
o bebê possui uma disposição
inata que corresponde
à expectativa de um seio –
é o que ele denomina
uma *pré-concepção*.

na base do processo de constituição psíquica. No entanto, ele adota uma perspectiva diferente sobre essa gênese, o que faz com que desenvolva concepções diferenciadas sobre a atividade de pensar. Enquanto para Freud, por exemplo, o pensar nasce na sinergia do processo maturativo em resposta à ineficiência da atividade motora do bebê para atender às exigências do princípio de prazer, para Bion, ao contrário, pensar é uma capacida-

do do bebê não é composto de representações, mas de objetos vividos como reais, de “fatos nus e crus”. É um mundo do qual se tem consciência¹⁹ mas não se conhece; é um mundo interno desprovido, no entanto, de elementos utilizáveis pelo aparelho psíquico; é um mundo composto basicamente de impressões sensoriais e experiências emocionais. Poder transformar essa matéria bruta em elementos psíquicos é a própria função do pensar.

emoções intensas e aterrorizadoras em algo suportável.

Assim, o bebê, ainda em estado rudimentar de desenvolvimento, projeta em sua mãe, por identificação, as emoções vividas por ele violentamente e que sozinho ele não pode suportar. A mãe, por sua vez, no exercício da função de *réverie*, deve acolher, conter e digerir psiquicamente pelo seu filho essas emoções, transformando-as, nesse ato²¹, em algo tolerável pelo psiquismo incipiente de seu bebê. Desse modo, o bebê pode reintrojetar suas partes projetadas de modo menos ameaçador e, junto com elas, a capacidade materna de pensar. A mãe, ao pensar pelo bebê, fornece-lhe os elementos que permitem a constituição de um aparelho psíquico continente de suas próprias emoções, e isso é, para Bion, aprender a pensar. Se, por algum motivo, a mãe fracassa em sua função de *réverie* ou se o bebê, por sua vez, não consegue aceitar o amor que desse modo a mãe manifesta, o processo de aprendizagem fica completamente comprometido, e o bebê não desenvolve a capacidade de pensar.

Vemos que nessa concepção do par primitivo mãe/bebê, a mãe tem uma função ativa e constitutiva do desenvolvimento psíquico do bebê, e o desastre psíquico é em grande escala, embora não exclusivamente, conseqüência de falhas graves no exercício dessa função. Nesse sentido, Bion, que já não seguira o modelo adaptativo de Freud, distancia-se razoavelmente também de Melanie Klein, para quem as condições de desenvolvimento parecem estar predominantemente do lado do bebê – seria suficiente que a mãe não atrapalhasse²². Quero com isso ressaltar que leio em Bion uma aposta de que haveria, na base da constituição psíquica, uma combinação entre as influências do meio e a carga fornecida pela herança biológica. Haveria, ainda, uma valorização das relações e dos vínculos

Para Bion, vincular,
na medida em que é
considerada uma atividade
pensante, é um ato
de transformação
dos elementos psíquicos
em níveis cada vez
mais abstratos.

em detrimento das marcas mnêmicas: num primeiro momento, de uma vinculação intersíquica mãe/bebê, e depois, de uma vinculação intrapsíquica. Essa abordagem diferencia-se da freudiana, na qual a relação do bebê com seu objeto primário é predominantemente valorizada pelas marcas que deixa no sistema mnêmico, as quais servirão de referentes para o aparelho psíquico em busca de um estado de identidade que propicie a satisfação pulsional.

Pode-se contestar que, também para Freud, pensar é um processo de ligação, de vinculação, e nesse ponto Bion aproxima-se de seu mestre. No entanto, na teoria que Bion elabora, vincular, à medida que é considerada uma atividade pensante, é um ato de transformação dos elementos psíquicos em níveis, poderíamos dizer – se adotarmos uma perspectiva genética – cada vez mais abstratos. É um processo de digestão e nutrição psíquica sem o

qual o aparelho psíquico morre de inanição, à medida que é o pensar que permite a inscrição psíquica das experiências do indivíduo, tornando-as simbolizáveis, representáveis. Assim, na concepção de Bion, pensar é sempre um ato de crescimento e de enriquecimento psíquico, e a capacidade de pensar permite, desde a sua origem, que a dor psíquica seja suportada. Para Bion, fuga da realidade é não-pensar.

Vale assinalar que essa perspectiva é diferente da adotada por Freud, para quem o pensar originário é um movimento de afastamento da realidade e de fuga da dor psíquica. Lembremos que, na teoria freudiana, para que o aparelho psíquico se desenvolva, esse movimento deve ser posteriormente corrigido por outra forma de atividade pensante que permita conhecer a realidade e suportar a frustração. Desse modo, vemos que Freud e Bion consideram de maneiras diferentes os propósitos iniciais do pen-

Ao situar a gênese da capacidade de pensar no par primitivo mãe-bebê, Bion possibilita sua transferência ao par analítico.

sar. Essa diferença é minimizada quando falamos, em Freud, do pensamento secundário.

Segundo o meu ponto de vista, a intuição bioniana de que a atividade de pensar é uma capacidade adquirida por aprendizagem na relação primária mãe-bebê, constitui uma das principais contribuições desse autor ao tema da gênese da capacidade de pensar. Ela trouxe, em seus desdobramentos, contribuições inestimáveis à clínica psicanalítica, que, acredito, apenas começam a ser exploradas. Ao situar a gênese da capacidade de pensar no par primitivo mãe-bebê, Bion possibilita sua transferência ao par analítico, conferindo, desse modo, à atividade de pensar o *status* de importante instrumento clínico. Na relação analítica, o analista é chamado a ocupar o lugar de continente outrora outorgado à mãe. Cabe a ele a função de *rêverie*, ao colocar sua própria capacidade de pensar a serviço dos conteúdos que o analisando, por identificação, nele projeta. Desse modo, permite que o paciente desenvolva a capacidade de utilizar suas próprias experiências como aprendizagem, enriquecendo, concomitantemente, seu mundo psíquico.

Essas breves considerações a respeito da clínica psicanalítica nos

instigam a refletir sobre as implicações que o deslocamento da atenção do eixo teórico dos conteúdos dos pensamentos para a capacidade de pensar pode trazer para a clínica psicanalítica. Que modificações sofre a clínica psicanalítica com a inclusão, em seu *setting*, da análise de vínculos ou, mais especificamente, da capacidade dos analisandos de estabelecerem vínculos, quer sejam intersíquicos, quer sejam intrapsíquicos?

A exploração do tema da gênese da capacidade de pensar revelou-se para mim extremamente fecunda, tanto teórica como clinicamente, deixando transparecer o quanto é imprescindível que voltemos nossa atenção para os momentos mais primitivos do processo de construção do aparelho psíquico. A riqueza dessa abordagem tem sido evidenciada pela clínica das psicopatologias de estruturas mais complexas, como, por exemplo, os chamados casos-limite, o autismo, as psicoses e até mesmo alguns casos de neurose, revelando, desse modo, as possibilidades de renovação da psicanálise. ■

NOTAS

1. S. Freud, "A Interpretação de Sonhos", in: Edição Standard Brasileira da *Obras Completas*, vol. V, Rio de Janeiro, Imago, 1987.
2. A. Green, "La Capacité de Rêverie et le Mythe Éthologique", in: *Revue Française de la Psychanalyse* nº 5, Paris, 1987, p. 1305.
3. "Mito de referência" é uma expressão criada para designar um conjunto de conceitos elaborados a partir da clínica que constituem a história mítica, hipoteticamente construída, do processo de constituição e desenvolvimento mental, que a psicanálise adota como referência para pensar sua clínica.
4. S. Freud, *op. cit.*
5. A. Green [coletânea], *A Pulsão de Morte*, São Paulo, Escuta, 1988, p. 98
6. A. Green, *Le Travail du Négative*, Minuit, Paris, 1993, p. 243.
7. M. Dayan e J. Laplanche também ressaltam, em suas interpretações do texto freudiano, a importância das experiências reais na formação da realidade psíquica. Segundo Laplanche, por exemplo, é preciso que se conceba um sistema de marcas provenientes da sensação no estado mais primitivo do psiquismo, anterior mesmo ao próprio princípio de prazer, uma vez que este "é captado primeiro na reprodução alucinatória de tais marcas (J. Laplanche, "Os Princípios do Funcionamento Psíquico", in: *Teoria da Sedução Generalizada*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1988, p. 11).
8. M. Dayan, "Fantasme, événement, impression", in: *Inconscient et Réalité*, Paris, PUF, 1984, p. 362.
9. Acredito ser essa a valiosa indicação revelada pelo conceito de representação-meta e pela idéia de busca de identidade de percepção e de pensamento.
10. A. Green, *O Discurso Vivo*, Rio de Janeiro, Francisco Alvez, 1982, p. 291.
11. O. Souza, "O Ego e o Problema da Ligação", in: *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. XXVI, nº 1992.
12. O. F. Gabbi Jr., "Notas sobre Linguagem e Pensamento em Freud", texto cedido pelo autor.
13. S. Freud, "O Inconsciente", *op. cit.*
14. A. Green, "O Discurso Vivo", *op. cit.*, p. 282.
15. S. Freud, "O Inconsciente", *op. cit.*, p. 231.
16. A. Green, "O Discurso Vivo", *op. cit.*, p. 206
17. Entre esses autores podemos citar, por exemplo, Didier Anzieu, Júlia Kristeva.
18. Para um estudo mais detalhado dessa visão de conjunto das heranças teórico-clínicas que influenciam as idéias de Bion, remeto o leitor à dissertação "Sobre a Gênese da Capacidade de pensar" de minha autoria, referida na nota 1, e ao livro de Donald Meltzer, *O Desenvolvimento Kleiniano III – O Significado Clínico da Obra de Bion*, Escuta, 1989.
19. Bion concebe um estado de consciência rudimentar, anterior à divisão do aparelho psíquico nas instâncias psíquicas consciente e inconsciente. A consciência rudimentar não implica na capacidade de compreensão. É pura percepção da qualidade psíquica de nossas experiências, anterior mesmo a qualquer possibilidade de representação, pois, justamente, diz respeito a algo que ainda não foi mentalizado.
20. A opção pela utilização da expressão *aprender da experiência* em vez de *aprender com a experiência*, o que seria mais favorável ao nosso idioma, tem a intenção de buscar uma maior precisão em relação às idéias de Bion. No modelo teórico que Bion desenvolve, o aparelho psíquico se alimenta essencialmente das experiências do indivíduo, por meio de um processo de digestão e nutrição psíquica, do mesmo modo que o organismo se alimenta e se nutre do leite, das comidas, mediante o processo digestivo.
21. Bion nomeia sua teoria de *Theory of Thinking*, traduzido para o português como uma *Teoria sobre o Pensar*. Embora no dicionário Webster's, *thinking* seja traduzido como pensamento, e o termo *pensar* corresponda em inglês a *think*, *thinking* é uma palavra inglesa que implica a continuação de uma ação, uma atividade, um ato em via de se realizar. Esse sentido permanece implicitamente presente na tradução para o português, na qual se fala de teoria sobre o pensar e não de pensamento. A diferenciação que Paul Laurent Assoun (*Metapsicologia Freudiana*, Jorge Zahar, 1995) faz entre ação (que pressupõe um fim em si mesmo, uma volição) e ato (que só pode ser apreendido "na ponta real de seu efeito") me ajudaram a entender que, ao designar seu objeto de *thinking*, Bion indica que o pensar é, para ele, um ato cujo fim transcende o processo em si mesmo, implicando a produção de algo que representa uma transformação de um estado anterior.
22. D. Meltzer, "Além da Consciência", *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. XXVI nº 3, 1992.